





# **A PARANORMAL**

**GISETI MARQUES**



# **A PARANORMAL**

**GISETI MARQUES**

 **CASA EDITORA  
O CLARIM**

1ª edição  
Matão, SP  
2015

## A PARANORMAL

**Capa:** Equipe O Clarim

**Projeto gráfico:** Equipe O Clarim

**Revisão:** Lúcia Helena Lahoz Morelli

### ***Todos os direitos reservados***

© Casa Editora O Clarim

(Propriedade do Centro Espírita O Clarim)

Rua Rui Barbosa, 1070 — Centro — Caixa Postal 09

CEP 15.990-903 — Matão-SP, Brasil

Fone: (16) 3382-1066 — Fax: (16) 3382-1647

CNPJ: 52.313.780/0001-23

Inscrição Estadual: 441.002.767.116

[www.oclarim.com.br](http://www.oclarim.com.br)

[oclarim@oclarim.com.br](mailto:oclarim@oclarim.com.br)

[www.facebook.com/casaeditoraoclarim](http://www.facebook.com/casaeditoraoclarim)

### **FICHA CATALOGráfICA**

Giseti Marques

**A Paranormal**

1ª edição: outubro/2015 - 6.000 exemplares

Matão/SP: Casa Editora O Clarim

544 páginas – 16 x 23 cm

ISBN – 978-85-7357-143-1

CDD – 133.9

### **Índice para catálogo sistemático:**

133.9	Espiritismo
133.901	Filosofia e Teoria
133.91	Mediunidade
133.92	Fenômenos Físicos
133.93	Fenômenos Psíquicos

*Impresso no Brasil*

*Presita en Brazilo*

*A história e os fatos apresentados neste romance são fictícios.  
Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.*

# Sumário

1. O fatídico dia .....	9
2. Reflexões sobre a dor .....	21
3. O assassino da universidade .....	31
4. De volta ao começo .....	43
5. Dana .....	55
6. Outra oportunidade.....	71
7. Tormentos da alma .....	83
8. O criminoso.....	93
9. Um novo convite .....	105
10. A confraternização .....	117
11. A visão .....	129
12. O atentado .....	141
13. Consequências da tarefa .....	153
14. O interrogatório.....	165
15. Tarefa aceita .....	177
16. John e Robert.....	189
17. Uma conversa franca .....	203
18. A missão .....	213
19. Evangelho no lar .....	225

20. A festa .....	237
21. Julian .....	249
22. No hospital.....	261
23. O aviso .....	277
24. Em treinamento .....	291
25. Plano desfeito .....	303
26. Outras explicações .....	317
27. Tomando decisões.....	327
28. Kami, o indiano .....	339
29. Tudo pronto .....	351
30. Começa a missão .....	363
31. No condomínio.....	373
32. A festa .....	385
33. No cárcere .....	399
34. A verdade.....	409
35. Frente a frente.....	421
36. Alguns ajustes.....	431
37. Acertando contas.....	443
38. Novos ares.....	453
39. No Brasil .....	465
40. Apenas um olhar.....	475
41. Lixo mental .....	487
42. Novos ajustes .....	497
43. Pontos preenchidos.....	513
44. Novos caminhos.....	527





## 1. O fatídico dia

*Minha história começa como tantas existentes neste planeta. Sou o terceiro de cinco filhos de uma família comum dos Estados Unidos. Tive uma infância tranquila, apenas atormentada por um dos meus muitos primos, Julian Moore, 17 anos mais velho que eu. Segundo as más línguas, desde pequeno Julian se achava melhor que todo mundo e, para desespero dos demais, era muito estudioso, o que garantia a simpatia de todos da família. Os mais velhos o respeitavam e mostravam-se submissos ao CDF, ao passo que eu, mesmo sendo bem mais novo, lutava como podia para me impor aos desmandos do meu odiado primo. Ele me olhava com reserva, já que eu nunca cedia às suas vontades e valia-me sempre dos recursos que faziam com que eu me sobressaísse em relação aos demais, ou seja, a sagacidade e a força. Essa competição infelizmente não ficou restrita à minha infância. Até hoje sinto que Julian tenta de alguma forma estar acima de mim. Mesmo sendo um eminente político e me superando em muito em ganho monetário, Julian nunca conseguiu me fazer olhar*

*para ele por baixo. Sou orgulhoso, vaidoso e arrogante demais para baixar minha cabeça ao meu “querido” primo.*

*Sou formado em Engenharia da Informação; servi ao Exército do meu país indo para o Golfo Pérsico, onde permaneci por três anos. Foi um tempo difícil! Ao voltar, ingressei no FBI (Federal Bureau of Investigation), tornando-me um agente especial. Eu me orgulhava muito disso; realmente gostava do que fazia. Colocar na cadeia quem, de alguma forma, transgredisse a lei era algo que me causava imensa satisfação. Aos 29 anos, casei-me com uma linda jovem, que me deu uma filha ainda mais bonita. Tudo estava indo muito bem, até aquele fatídico dia...*

O dia começava frio; lá fora, uma garoa insistia em cair. John remexeu-se na cama e notou que sua esposa já se havia levantado. Olhou para o relógio e percebeu que ele ainda marcava 5h50. Saiu da cama preocupado, à procura de Ellen. Seguiu direto até o quarto de sua filha, encontrando ali as duas mulheres de sua vida.

John tinha 33 anos e traços marcantes; rosto oval, queixo levemente arredondado, expressão fechada; media 1,85m de altura, possuía porte atlético, cabelos pretos, belos e observadores olhos verdes. Era um homem discreto, de raciocínio acima da média exigida para suas funções, qualidades essas que faziam dele um dos agentes mais respeitados do FBI.

Ao ver o marido na porta do quarto, a mulher imediatamente levou a mão à boca num sinal de silêncio. John aproximou-se

devagar e perguntou por gesto o que acontecia. Sua esposa não respondeu de pronto. Com muito cuidado para não acordar a filha, arrastou-se da cama e saiu do quarto, levando seu marido consigo. Fora do quarto, seguiram até a cozinha. O homem insistiu e perguntou novamente, preocupado:

– O que aconteceu?

– Nossa filha está com uma febre muito alta. A professora na creche me disse que ela passou o dia inteiro assim. Mediquei-a, mas, se ela não melhorar, vou levá-la ao hospital. Espero que seja apenas uma virose. Vou constatar isso quando acordar.

– Por que não me acordou? – questionou John, abraçando a esposa com carinho.

– Você chegou tão tarde, que tive pena de acordá-lo e deixei-o dormir – respondeu a mulher, retribuindo o carinho do esposo. Voltou-se e informou: – De qualquer forma, vou telefonar para o laboratório e avisar que hoje não irei trabalhar. Se for apenas uma virose, ela precisará se recuperar. Com o frio que anda fazendo, não é bom abusar.

Ellen, a jovem esposa do agente especial John Moore, era farmacêutica bioquímica. Uma mulher inteligente, conhecida por sua simpatia, o que a tornava ainda mais bonita. Tinha 27 anos, era loira, usava cabelos bem curtos e possuía grandes olhos verdes. Ultimamente seu rosto trazia olheiras severas e uma melancolia que ela lutava para disfarçar. John e Ellen estavam juntos havia sete anos e haviam se casado havia quatro. A única filha do casal, Eve, tinha três anos; qualquer coisa era motivo para

muitas preocupações por parte dos pais. John tinha verdadeira adoração pela menina.

– Ellen, não seria melhor levá-la logo ao hospital? – sondou o esposo, preocupado, sentando-se à mesa.

– Não, meu amor. Ela precisa dormir um pouco. Se for uma virose, irá necessitar de muita hidratação, descanso e carinho – explicou Ellen, levando a chaleira com água ao fogão. Cravou os olhos em seu belo marido com um olhar complacente e mudou de assunto:

– Como está o trabalho?

Ele lançou um olhar antecipado de desculpas e disse:

– Corrido. Sabe que não posso entrar em detalhes com você, querida!

– Não estou perguntando a respeito dos casos, meu bem. Perguntei de uma forma generalizada, se é que me entende... – ironizou a mulher.

Ele saltou da cadeira, abraçou-a por trás e respondeu sorrindo, beijando-lhe o pescoço maliciosamente:

– Está me chamando de burro, doutora? Saiba que posso mandar investigá-la, ou então lhe dar voz de prisão por desacato à autoridade.

Ellen olhou para o marido, seus lábios esboçaram um sorriso e ela disse:

– Iria adorar ficar presa no quarto com você! Porém, o que eu preciso agora é de um bom chá com bolo de chocolate que sua sogra veio trazer ontem à noite. Que tal?

– Confesso que gostei mais da primeira opção, entretanto aceito a segunda sob uma condição: de optarmos juntos pela primeira logo mais à noite. Combinado? – perguntou beijando-a nos lábios levemente.

– Combinadíssimo! – respondeu Ellen, desviando o olhar do marido e fechando os olhos com aspecto de dor, como se alguma lembrança a atormentasse.

O dia passava lentamente e, para tristeza de Ellen, Eve não melhorava. Depois do almoço, a farmacêutica resolveu levar a filha ao médico, temendo ser algo mais sério.

Eram quase 3 horas da tarde quando o telefone de John tocou. Por sorte ele estava na agência e pôde atender. Pelo identificador de chamadas, viu que se tratava de sua esposa e, acreditando serem notícias de Eve, atendeu imediatamente.

– Oi, Ellen!

Para espanto do agente, uma voz estranha e alterada por modificador de voz respondeu pausadamente com sarcasmo:

– Não é sua esposa, agente John Moore, mas, como sou muito bonzinho, vou permitir que escute a voz dela pela última vez. – John ficou estático e por alguns segundos não sabia o que fazer. Seus olhos assustados varreram a sala em fração de segundos. Passado o susto inicial, assumiu a função que estava tão acostumado a exercer, escreveu um número em um papel e, com a mão tapando o fone, pediu a um colega: – Rastreie imediatamente!

O colega, percebendo do que se tratava, atendeu ao pedido rapidamente. Depois de longos segundos, John escutou o choro

da esposa, que parecia relutar em atender ao pedido do algoz, e disse, tentando demonstrar um controle que estava bem longe de possuir naquele momento:

– Ellen, me escute! Tenha calma e diga onde você está. Tente ganhar tempo. Eu estarei o mais rápido possível aí!

Todavia, a mulher, contrariando o marido, apenas balbuciou com sua voz vacilante:

– John, me perdoe! Eu te amo! Sempre vou amá-lo, nunca es... – a voz da bioquímica foi sufocada pela do homem que, demonstrando frieza, explicou: – Não adianta rastrear, eu desativei o GPS do telefone. Ela é linda, não é?! Não se preocupe, vou matá-la rapidamente, como aconteceu com sua filha!

– Quem é você? O que quer? Eu lhe garanto que nada irá lhe acontecer! Deixe minha esposa e minha filha em algum lugar qualquer, vá embora e eu esquecerei isso para sempre! Eu prometo! – interrogava, tentando de qualquer forma ganhar tempo e manter o controle.

– Seu coração deve estar acelerado, seu sangue deve estar quente e você deve estar sentindo uma vontade enorme de me matar, não é, agente? Eu quero que você experimente o que é perder quem se ama, John Moore! – a voz se calou por alguns segundos, depois continuou a falar friamente: – Agora me despeço de você e desejo força para suportar a dor de perder duas pessoas tão amadas. A sua filha não estava nos meus planos, mas acho que tive uma ajudinha do destino...

– Não! Espere! Vamos conversar! O que foi que eu fiz a você? Eu dou minha palavra que nada lhe acontecerá. Agora, se você não me escutar e acontecer alguma coisa com qualquer uma delas, eu irei atrás de você até o inferno se for preciso, e não descansarei até encontrá-lo e matá-lo!

– Adeus, John! Eu lhe desejo sorte na sua caçada. Estarei esperando por você! Mas não será preciso ir até o inferno para me encontrar, pois o seu inferno acaba de começar!

– Não! Espere! Droga! Miserável! Se acontecer algo com elas eu vou matá-lo! Meu Deus! – John deu um soco na mesa, olhou desesperado para o amigo e perguntou, em choque:

– Você conseguiu rastrear?

– Sim. O GPS do carro de Ellen mostra que o veículo está na interestadual a pelo menos uns 150 quilômetros daqui.

– Meu Deus! Acho que sequestraram a Ellen e a Eve! Envie-me as coordenadas. Estou indo – disse o agente, saindo em disparada com os pensamentos fervilhando na cabeça e pedindo intimamente que nada acontecesse às duas. A voz do homem não saía de sua cabeça e intuitivamente sentia que ele não blefava. Lutava de todas as formas para vencer o pavor que queria dominá-lo. Chegou rapidamente a seu carro escutando a voz de sua esposa em um agudo profundo dizendo que o amava. Respirava com dificuldade, suava intensamente, seus olhos eram marcados por sombras escuras e sentia um pavor que palavras não conseguiram descrever...

Na agência, o colega, preocupado, telefonou imediatamente aos outros agentes que estavam na rua dando-lhes um alerta máximo:

– Possível sequestro da mulher e da filha do agente John Moore! Desloquem helicóptero até o local indicado e façam com que os agentes mais próximos cheguem antes dele!

Fez uma breve pausa temendo o pior e acrescentou:

– Não permitam que ele se aproxime do local. Ele pode comprometer provas. Não sabemos com quem estamos lidando, portanto recomendem aos agentes que tenham cuidado ao se aproximarem. Espero, sinceramente, que nada de terrível tenha ocorrido...

Pelos menos três equipes responderam ao pedido, deslocando-se a toda velocidade para as coordenadas indicadas. Quase uma hora depois, John viu ao longe, próximo das coordenadas, carros parados e pelo menos duas equipes do FBI já no local. Diminuiu a velocidade do carro, estacionou e desceu rapidamente. Contudo, ao se aproximar, foi recebido por dois agentes que o seguraram e disseram educadamente:

– John, você não poderá se aproximar.

Ele olhou sem entender, percorreu os olhos pelo local procurando ver o carro de sua esposa e perguntou, lúgubre:

– Vocês encontraram o carro? Onde está?

– Sim, encontramos. Está a uns 50 metros da rodovia, mata adentro – informou o colega.

Exasperado, o jovem perguntou, engolindo em seco:



– E elas? Vocês as encontraram? Onde estão?

O colega suspirou, como se aquilo o ajudasse a pensar, baixou a cabeça e respondeu amargurado, como se fosse a primeira vez que dava uma notícia daquelas a alguém:

– Elas estão no carro. Eu lamento, John! Lamento profundamente!

Toda bravura de antes havia se esvaído do rosto de John. Ele mirou os dois sem conseguir pronunciar uma única palavra. Sentiu o sangue sumir, o chão parecia se abrir num abismo sem fim. Levou as mãos à cabeça como se procurasse juntar as ideias, olhou novamente para os colegas e, de uma forma abrupta, tentou passar pelos dois, gritando:

– Eu tenho que vê-las! Eu preciso vê-las!

– Não, John! Você sabe que não deve! Pode comprometer provas, dificultando ainda mais encontrar o bandido que cometeu esses crimes! Sentimos sinceramente pela sua dor, mas não permitiremos que atravesse! – argumentou o colega, apiedado, segurando o jovem e forte agente.

Nesse momento, uma ambulância chegou ao local e, a pedido dos colegas de profissão, o agente John Moore foi sedado, facilitando o trabalho dos peritos na coleta de provas. Horas depois, John acordou e viu-se deitado em confortável sofá de uma das muitas salas do escritório de investigação. Sentou-se meio tonto ainda sob efeito do sedativo. Perscrutou em volta e rapidamente uma porta se abriu. Uma bonita jovem adentrou no local trazendo um copo com água. A mulher sentou-se em

um centro na frente do rapaz, entregou-lhe o copo e perguntou, atenciosa:

– Como você está?

Ele olhou para copo, depois para a jovem e perguntou, impassível, sem responder à pergunta:

– Isso é mais sedativo?

– Não, John! É apenas água!

Ele bebeu o conteúdo, levantou-se e se dirigiu à porta. No entanto, antes que pudesse abri-la, um senhor entrou e disse respeitosamente:

– Eu lamento, John! Sinto sinceramente! Quero que saiba que todos, sem exceção, estão empenhados em conseguir o quanto antes identificar e colocar esse crápula atrás das grades! Não tenho palavras que possam ajuizar o tamanho de minha revolta. Informo também que o escritório já está providenciando tudo para o sepultamento. Você terá que ser forte.

John fitou o seu superior como se não o visse. A dura realidade caiu novamente sobre seus ombros. Parecia-lhe que sonhava e não conseguia acordar. Lutando para não sucumbir, buscou em seu instinto profissional algum amparo e sondou, sabendo que naquele momento os corpos de Ellen e Eve deveriam estar passando por necropsia:

– Senhor, já se sabe qual foi a causa das mortes?

– Não. Os técnicos estão avaliando minuciosamente antes de emitir um laudo conclusivo – respondeu o homem.

– Nossas famílias já foram avisadas?

– Sim. Duas equipes ficaram responsáveis por isso.

O homem mirou o rapaz e disse pausadamente:

– John, eu quero lhe pedir que, por mais vontade que tenha, não decida nada sem consultar nosso pessoal. Acredito que sua dor deva ser devastadora, mas é também *nossa* dor, uma vez que muitos de nós somos pais e maridos também! Depois ouviremos as suas impressões a respeito do telefonema. Agora eu sugiro que tome um banho e não volte para casa; lá e também na frente do escritório há um batalhão de repórteres. Infelizmente não pudemos evitar! Pedi que preparassem uma sala onde você possa ficar e receber seus familiares e os de Ellen. Coragem! Você irá precisar...